

A DEFESA DAS HUMANIDADES

The defense of the Humanities

LÍDIA JORGE

comunicacao@dquixote.pt

Associação Portuguesa de Escritores

DOI

http://dx.doi.org/10.14195/0870-4112_3-1_10

Recebido em setembro de 2014

Aprovado em janeiro de 2015

Biblos. Número 1, 2015 • 3.^a série

pp. 239-242

Custa-me muito que se tenha de dizer que há que defender as Humanidades. Isso significa que uma parte do mundo contemporâneo está cega e surda perante a deriva que estamos a viver. Pois de outro modo não seria necessário estar continuamente a repetir o que parece inútil e redundante. Em seu lugar, ter-se-ia de dizer, isso sim, que há que defender em larga escala todo o conhecimento de que as Humanidades são não só os largos pilares de suporte, como constituem parte da sua abóbada e fecho da sua cúpula. Só se compreende que se esteja sempre a dizer que se tem de defender as Humanidades porque muitos, incluindo alguns que o dizem, consideram que em face do mundo numerológico e fiduciário vigente, os saberes especulativos estão a mais. A lenda que foi posta a correr é que são inúteis os conhecimentos que não produzem objectos numeráveis concretos, nem asseguram lucros palpáveis imediatos, com resultados positivos, legíveis a cada doze meses, nos balanços de pagamento. Num mundo assim, que lugar para a História, a Filosofia, a Sociologia, as Línguas, a Literatura, as Artes, a Linguística, as Ciências da Cultura, as Ciências da Comunicação, quando aquilo que estas disciplinas produzem é do domínio do imaterial e não entra de imediato no mercado da eficácia? E embora hoje em dia, a Economia bem como a Arquitectura e até a Medicina reivindicuem o seu parentesco com o naipe das ciências inexactas, o que está posto a correr, e a praticar em conformidade, é que as Humanidades devem caminhar para uma espécie de auto-abastecimento, o que significa na prática a redução à sua insignificância e ao seu fenecimento.

Mas isso não se verificará. A resposta categórica provém do interior das outras ciências, aquelas a que antes se chamava de ciências da natureza e hoje se designam vulgarmente por exactas, ou duras, por oposição a brandas, em vocabulário metafórico. É a Matemática, a Física, a Química e a Biologia, ou a Astrofísica e as Neurociências que, ao mesmo tempo que fornecem novos dados para interpretar a realidade, e melhorá-la no concreto, se apoiam nas áreas dos saberes especulativos e nas artes, para encontrarem linhas de entendimento que lhes permitam a integração dos seus saberes numa nova gramática do Mundo, de modo a nos encararem como um todo e a nos darem um porquê para a vida. Sobre essa aproximação entre fronteiras, muito se aprendeu nas últimas décadas. Hoje em dia, epistemologicamente, não faz sentido a oposição entre

ciências, mas sim a complementaridade. Não faz sentido a preponderância, mas sim a interdisciplinaridade. Não faz sentido a arrogância de uns saberes sobre os outros, mas sim a cooperação e revisitação mútua. Todas as pessoas justas, que atravessam o arco destes dilemas, hoje o dia, o sabem. Aniquilar as Humanidades no jogo dos poderes fáticos, não passa de um ganho a prazo para alguns, que em breve se transformará em perdas irremediáveis para todos, quando o mundo avança sobre nós carregados de promessas de um novo homem útil.

Um novo homem útil, vigiado, numerológico, pago prazo a prazo, soldado da empresa e entregue a si próprio, pedinte de trabalho, produto de um tempo sem tempo, e logo escravo. As ciências exactas **não** desconhecem que as ciências humanas são aquelas cuja linguagem ensina a libertar. Então porque se diz que é preciso salvar as Humanidades? Porque não se diz antes que é preciso não entregar a futura Humanidade atada de pés e mãos ao destino que está para vir? E que essa determinação se deve fazer ouvir, hoje mesmo, pelo alcance concertado dos nossos actos? Justamente, não devemos deixar que a fábula do fenecimento comece a ser contada. Melhor será promover o seu incremento do que participar da sua salvação.